



# LVSITANIA

## DOS FLÁVIOS

A propósito de Estácio e das *Silvas*



Lisboa, Março de 2017

# LVSITANIA DOS FLÁVIOS

A propósito de Estácio e das *Silvas*

## Catálogo da Exposição



## Paulo Farmhouse Alberto

Director  
Faculdade de Letras  
Universidade de Lisboa

Nas últimas décadas, o estudo da época dos Flávios – os imperadores Vespasiano, Tito e Domiciano –, período do Império Romano que corresponde ao último terço do século I d. C., tem conhecido um desenvolvimento enorme. Trata-se de um período cultural do maior interesse, seja no campo da literatura, da arquitetura e da arte, seja no da sociedade e do saber. É assim muito oportuno que o Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa tenha organizado o congresso internacional **Editing and Commenting on the *Silvae*** (16-17 de Março de 2017), que reuniu pela primeira vez os mais reputados editores e comentadores da obra de um dos poetas de maior relevo deste período, Públio Papínio Estácio.

Em boa hora, o Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa se associou a este encontro, providenciando a constituição de uma exposição de peças deste período providas da Lusitânia, hoje, parte do território português, à época, uma parcela do Império Romano. **A Lusitânia dos Flávios: a propósito de Estácio e das *Silvas*** é uma exposição notável, que celebra também a nossa própria herança histórica e cultural. Aos comissários desta exposição, António Carvalho (Director do Museu Nacional de Arqueologia), Carlos Fabião e Catarina Viegas (Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), e Ana Lóio (Centro de Estudos Clássicos da mesma Faculdade), a expressão do meu reconhecimento e admiração pela qualidade e interesse desta mostra de objectos de um período em que o mundo em torno do Mediterrâneo, da Grã-Bretanha ao Egipto e à Síria, formava uma mesma entidade política e cultural.

Esta exposição sublinha também, mais uma vez, o excelente relacionamento científico e institucional que a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa tem tido, desde há muitos anos, com o Museu Nacional de Arqueologia, colaboração essa que une estes dois grandes pólos nacionais de ciência e de investigação. Muito agradeço ao Director do Museu Nacional de Arqueologia, António Carvalho, a sua incansável, sólida e constante acção por todos reconhecida, alicerçada num imenso saber, que muito tem dignificado a Arqueologia Portuguesa e o valor incalculável do mais importante museu arqueológico português, dando-lhe a dimensão científica e a projecção internacional que merece.

A todas estas entidades, ao Museu Nacional de Arqueologia e aos Centro de Estudos Clássicos e Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nas pessoas dos seus Directores, Dr. António Carvalho e Professores Doutores Cristina Pimentel e Carlos Fabião, as minhas felicitações e agradecimentos.

Março de 2017

## Razões de ser de uma Exposição

A exposição internacional **Lusitânia Romana. Origem de dois povos / Lusitania Romana. Origen de dos pueblos**, patente ao público no Museu Nacional de Arqueologia em 2016, foi um momento especial para apresentar genericamente, mas de forma renovada, a Lusitânia Romana através de uma selecção de bens culturais de Museus de Portugal e Espanha com reconhecido potencial documental, científico e artístico. Numa exposição que reunia materiais enquadrados num arco temporal de cerca de 800 anos, naturalmente nenhum período específico da História do Império Romano no extremo ocidente peninsular poderia ser abordado em detalhe.

Com o anúncio da realização na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa do seminário internacional de filologia **Editing and Commenting on the *Silvae***, organizado pelo Centro de Estudos Clássicos, estava criado o pretexto para concretizar, de forma colaborativa, uma exposição-dossiê no Museu Nacional de Arqueologia que cruzasse a nossa leitura dos cinco livros de poesia, as *Silvas* de Estácio (Nápoles, 45 – c. 96), com os vestígios materiais recolhidos em território nacional que remetem para o tempo da Dinastia Flávia – Vespasiano, Tito e Domiciano –, que governou Roma e todo o Império entre 69 e 96 d.C.

Assim nasceu o conceito. A exposição construiu-se então a partir de uma selecção do acervo do Museu Nacional de Arqueologia, do Museu da Fundação Cidade de AMMAIA, do Museu Municipal de Sines e da Solubema – Empresa Transformadora de Mármore do Alentejo.

O *corpus* da exposição é constituído por 27 bens arqueológicos que, de alguma forma, coincidem cronologicamente com o período dos Flávios. Nem todos, porém, coexistem com esta dinastia

nesse curto espaço de 27 anos. Outros vestígios há, de outros tempos, que ligam e materializam os temas tratados por Estácio nas suas originais *Silvas*. Nelas se faz a descrição apologética das *villae*, que levam a cidade para o campo, se apresenta a lista dos tipos de mármore, revestimentos imprescindíveis e eternos, se fala da atracção de Roma pelo Egipto, ou se chama a atenção para o esplendoroso rio que brilha de tanto ouro, o Tejo. Ou mesmo, ainda, se insinua a identificação de Domiciano, dedicatário de várias *Silvas* de teor encomiástico, com Hércules. Perante a fonte, desafiámo-nos a tornar tangíveis as palavras, escolhendo os materiais que a pudessem materializar, ilustrar e valorizar, mantendo e alimentando o fio condutor criado.

A relação desta dinastia com a comprovada renovação urbanística das cidades da Lusitânia não foi esquecida na exposição. Tal é sinalizado, designadamente, pela apresentação do togado inacabado proveniente da pedreira romana da Herdade da Vigária (Vila Viçosa), que assim se apresenta pela primeira vez, em Portugal, no lugar certo – ou seja, em ambiente museológico.

Da reserva do Museu Nacional de Arqueologia emerge um acervo que nos últimos anos não tem estado à vista de todos, e que assim se valoriza, ao mesmo tempo que permite ao público aperceber-se da dimensão, variedade e importância das colecções únicas do Museu.

Da cidade romana da AMMAIA mostra-se também um pequeno bronze figurativo de um Hércules, com feições de jovem, e que foi recentemente exumado nas escavações arqueológicas em curso. Do Museu Municipal de Sines junta-se um conjunto de moedas da colecção reunida por José Miguel da Costa. A exposição oferece, pois, ao visitante, como linha condutora, o

universo temporal e material do tempo dos Flávios corporizado na temática das *Silvas*. O espólio seleccionado foi agrupado em núcleos para facilitar o estabelecimento da relação com o texto de Estácio. O princípio orientador da exposição coaduna-se, pois, com a perspectiva que dá nome à área do Centro de Estudos Clássicos que a promove: *Textos e Contextos*.

A exposição, promovida no âmbito de um seminário internacional que reúne reputados filólogos dedicados a Estácio e às *Silvas*, é inaugurada no âmbito do programa, no segundo e último dia de trabalhos, mas ficará à disposição de todos os que visitem o Museu Nacional de Arqueologia nos próximos meses.

Palavras de agradecimento são devidas a um conjunto de entidades que, respondendo ao desafio lançado pelo Museu Nacional de Arqueologia e pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, se associaram para levar a bom termo uma ideia. À Fundação Cidade de AMMAIA, à Câmara Municipal de Sines/ Museu de Sines, e à Solubema (designadamente a Vasco Osório de Barros), entidades que cederam bens arqueológicos. À Lusitania Seguros, mecenas institucional da Direcção-Geral do Património Cultural, que garante os seguros dos bens. À Associação Portuguesa dos Controladores de Tráfego Aéreo e ao Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo, pelo patrocínio dado à exposição.

Um grupo de técnicos do Museu Nacional de Arqueologia realizou um caminho partilhado com o Comissariado Científico para materializar esta ideia. Maria Amélia Fernandes preparou a informação para as fichas do catálogo, pelo que, com Luísa Guerreiro, Carla Barroso, Luís Antunes e Paulo Alves, foi fundamental na preparação do *corpus* expositivo e em todos os processos afins. É da autoria de Ricardo Pereira o projecto museográfico, que João Camacho e as

*Ilusões da História* concretizaram. Paulo Pereira concebeu o material gráfico. A todos cumpre-nos agradecer.

Esta exposição é também um testemunho vivo do bom ar institucional, académico e científico que se respira nas instituições envolvidas, que possibilitou, de forma rápida e espontânea, a constituição de um comissariado científico inter-institucional que, com distintas visões e perspectivas, enriqueceu a proposta expositiva que se apresenta para também oferecer ao visitante um itinerário flávio em Portugal.

Lisboa, 2 de Março de 2017.

**António Carvalho**

Director do Museu Nacional de Arqueologia

**Carlos Fabião**

Director da UNIARQ – Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras,  
Universidade de Lisboa

**Ana Lóio**

Investigadora do Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras,  
Universidade de Lisboa

**Catarina Viegas**

Investigadora da UNIARQ – Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras,  
Universidade de Lisboa

## Estácio e as *Silvas*

Ana Lóio

Investigadora

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras

Universidade de Lisboa

No tempo dos imperadores Flávios (Vespasiano 69-79, Tito 79-81, Domiciano 81-96), no tempo da arrasadora erupção do Vesúvio (79 d.C.), quando Roma era senhora do mundo, viveu o napolitano Estácio. Quis ser, como Vergílio fora no chamado 'século de Augusto' (I a.C.), o grande poeta do seu tempo.

A primeira obra que lhe conhecemos, a *Tebaida*, é logo uma aventura no género mais elevado, a épica. E, diz o autor com (aparente!) humildade, segue as pegadas da do grande Vergílio (a *Eneida*) – mas, respeitosamente, “ao longe”. A sua segunda épica constitui projecto ainda mais ousado: desta vez, Estácio enfrenta o maior épico de sempre, Homero, imiscuindo-se na vida do herói que aquele havia imortalizado na *Ilíada*. A narrativa da infância de Aquiles explora a feroz educação ao cuidado do centauro Quíron, mas também, e principalmente, a vida do herói vestido de menina, dançando e fiando ao tear na ilha onde a mãe o escondera, procurando desajeitadamente camuflar a sua masculinidade. Estácio problematiza, com incrível actualidade, a definição da virilidade do mais terrível, e humano, herói da antiguidade.

Entretanto, tomava forma a obra mais surpreendente, diversa de tudo o que havia sido escrito até então: as *Silvas*. O poeta recupera e reinventa a tradição da poesia panegírica grega para assinalar momentos relevantes da vida pública e familiar dos seus endinheirados patronos, entre os quais figura o imperador Domiciano. Os cinco livros das *Silvas* são poesia experimental, desafiando qualquer classificação de género. E se as posses dos patronos e as suas qualidades humanas e intelectuais constituem matéria preferencial para o encómio, até nas mais inusitadas circunstâncias encontra Estácio pontos de partida para as suas *Silvas*: a reconstrução de um templo na *villa* de um patrono, a conhecida preferência

de Domiciano por certo eunuco, ou mesmo o décimo sétimo consulado assumido pelo imperador. Para todas as ocasiões cria o poeta um cenário invulgar, entre o mundo humano e o divino – Vénus trazendo para o palácio imperial o encantador eunuco, Hércules pondo mãos à obra na construção do seu novo templo, o deus Jano exortando Domiciano a aceitar novos consulados.

Nas *Silvas*, a necessidade de homenagear confunde-se com o princípio estético do contraste entre o gigantesco e o minúsculo – e este reflecte-se na poesia como nos trinta metros de altura do palácio de Domiciano, na colossal estátua equestre do imperador, ou no formato mínimo da brilhante estatueta de Hércules, posse de um patrono. Fascinante documento da cultura material do século I d.C., as *Silvas* celebram técnicas e materiais de construção, ambientes de luxo (quantas *villae* na fabulosa Baía de Nápoles, descritas, como o Palácio de Domiciano no coração de Roma, como moradas quase divinas!), preciosos objectos de arte (como o *Hércules* de Vindex); e, ao cantarem o temível Domiciano – “senhor e deus”, um “Hércules” fascinado pelo Egipto –, as *Silvas* ajustam-se à dura realidade política que se impunha.

As épicas de Estácio gozaram de uma extraordinária fortuna (até a fragmentária *Aquileida*, por veicular um modelo de educação), de que constitui simbólico testemunho ter cabido ao poeta a honra de guiar Dante no Purgatório. Quanto às *Silvas*, perdemos-lhes o rasto na antiguidade tardia. Mas quando foram redescobertas, algures num mosteiro da zona do lago Constança, no século XV, deram origem a uma verdadeira moda de “*Silvas*” (disso são exemplo as de Poliziano). Fascinados pela obra, grandes humanistas italianos optaram por fazer dela tema dos seus cursos, em detrimento de textos de clássicos como Vergílio, impulsionando assim,

de forma decisiva, a circulação e o estudo das *Silvas*.

Sob a forma de objectos resgatados ao passado, as *Silvas* de Estácio visitam hoje o Museu Nacional de Arqueologia, na margem de um dos rios que não esqueceram: o Tejo «de esplendoroso limo».

Março de 2017.

## A Lusitania dos Flávios

**Carlos Fabião**

Director da UNIARQ—Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras,  
Universidade de Lisboa

Após a morte de Nero, desde o Verão do ano de 68 ao Inverno de 69, Roma atravessou um ano de forte instabilidade, habitualmente designado como “o ano dos quatro imperadores”. Com a extinção da dinastia Júlio-Cláudia, sem uma clara sucessão em perspectiva, o exército da *Hispania* proclamou Sérvio Sulpício Galba. Instalado este na Cidade Eterna, com os favores do Senado, mas sem grande popularidade, logo a guarda pretoriana apoiou a sublevação de Marco Sálvio Otão. Galba foi morto e Otão foi novo imperador efémero, porque o exército da *Germania* aclamou Aulio Vitélio e, na eminência da derrota militar, acabou por se suicidar. Com Vitélio em Roma, outros corpos militares aclamaram Tito Flávio Vespasiano, que logo recebeu o apoio das legiões sediadas na Judeia e no Egipto.

Agindo com cautela e habilidade, Vespasiano acabou por se apoderar do poder, inaugurando uma nova dinastia, chamada dos Flávios, que incluiu os seus dois filhos, Tito e Domiciano, que governou o Império Romano por vinte e sete anos, até ao assassinato de Domiciano.

De Vespasiano disse Suetónio que durante o seu governo se empenhou firmemente em fortalecer a República e assegurar a sua prosperidade. A tarefa não se afigurava fácil. Reinava grande desordem nas províncias, de novo nas palavras de Suetónio, e a cidade de Roma encontrava-se bastante degradada. Encetou então um ambicioso programa de obras públicas, sendo o mais emblemático edifício o grande anfiteatro ainda hoje conservado, cuja construção iniciou, mas que não viu concluída. Para a concretização dos seus planos, lançou mão de uma política tributária agressiva, que lhe valeu a fama de incomensuravelmente ávido por dinheiro. Na realidade, teria herdado um Império financeiramente depauperado e os seus brutais e diversificados aumentos de impostos teriam em vista recuperar o erário público, no que parece ter sido bem-sucedido. Foi também um governante justo e equilibrado, contribuindo para o desanuiamento político em Roma, criando na realidade uma nova aristocracia, pela abertura do Senado a novos homens, tanto itálicos como provinciais.

Tito, que sucedeu a seu pai no governo do Império, seguiu na mesma linha, conseguindo o notável equilíbrio de agradar simultaneamente à aristocracia senatorial e à plebe, pelo modo como soube enfrentar algumas grandes catástrofes verificadas na época da sua governação – a grande erupção do vulcão Vesúvio, que sepultou Pompeios e Herculano, um devastador incêndio em Roma e uma epidemia. Inaugurou o grande anfiteatro de Roma e promoveu memoráveis jogos.

Com o seu irmão Domiciano, a situação inverteu-se. Uma política de perseguições e conflitos com o Senado gerou um ambiente de tensões e conspirações. O último dos Flávios acabou assassinado, na sequência de uma dessas conspirações.

A política flaviana não constituiu propriamente uma “revolução”, mas antes uma continuidade no processo de integração no seio do Império das múltiplas comunidades que habitavam as províncias. Provavelmente, uma das notórias provas dessa integração pode ler-se na obra monumental de Plínio-o-Velho, *História Natural*, que reúne um extenso repositório de informações sobre afamados produtos procedentes das diferentes províncias: só teria sentido nomear as dulcíssimas azeitonas das imediações de Mérida (Nat.15.17), as cerejas lusitanas (Nat.15.103), as lãs de Salácia (sob a actual Alcácer do Sal) (Nat.8.191) ou os céleres cavalos do baixo Tejo (Nat.8.166) se os seus leitores percebessem a que se estava a referir. O nível de integração no Império é perceptível até em pequenos apontamentos como o conservado no Novo Testamento, quando Paulo e Silas em pregação em Filipos, na Grécia, suscitaram a ira dos locais, que *“Os prenderam e levaram à praça, à presença dos magistrados. E apresentando-os aos magistrados disseram: Estes homens, sendo judeus, perturbaram a nossa cidade, E nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos”* (At.16.20-21.). Que gentes da grega Filipos a si mesmo se nomeassem como romanos, nas vésperas da ascensão dos Flávios, diz muito sobre o sucesso dessa política de integração.

Foi aparentemente no contexto de necessidade de equilibrar as finanças públicas que Vespasiano concedeu especial privilégio à Península Ibérica, de abundantes recursos mineiros – “*quase toda a Hispania abunda em jazidas de chumbo, ferro, cobre, prata e ouro*”, escreveu Plínio o Velho na sua *História Natural*, acrescentando que “*o imperador Vespasiano Augusto generalizou a toda a Hispania o direito latino*” (Nat.3.30).

O principal efeito desta medida resultou na multiplicação do número das cidades que receberam a dignidade municipal a partir de uma *lex Flavia municipalis*, que terá servido de matriz à produção de diversas leis cujas cópias gravadas sobre placas de bronze chegaram até nós (embora nenhuma delas em território hoje português). O efeito prático desta medida tem suscitado algum debate entre os estudiosos, mas aceita-se que teriam alcançado a dignidade municipal na *Lusitania* cerca de 22 cidades. Esta estimativa baseia-se na convergência de diferentes critérios, combinando uma simples operação aritmética que consiste em comparar o número total de cidades privilegiadas da Península Ibérica listadas por Plínio-o-Velho, justamente em época flávia, mas anteriormente à promulgação do Édito de Vespasiano, com as referidas na *Geografia* de Cláudio Ptolemeu, obra composta no século II. Pensa-se que a diferença entre umas e outras corresponderá ao total de municípios de promoção flávia. Tem sido também usado o critério de identificação os lugares cujos cidadãos figuram inscritos na tribo *Quirina*, algo que decorre do Édito. Há também uma lista de municípios romanos que contribuíram para a construção da grande ponte de Alcântara, no actual território espanhol, conservada em cópia de uma epígrafe romana, no reinado de Trajano, datável de entre 105 e 106. Pela mesma linha de raciocínio, todos os municípios que ali figuram e que estão ausentes das listas de Plínio-o-Velho, corresponderiam a outras tantas promoções flávias. Finalmente, os casos incontroversos das cidades que conservam na sua titulatura a referência à nova dinastia, conhecida pela literatura antiga ou por epígrafes, como é o caso de *Flavia Conimbriga* ou de *Aquae Flaviae*, sob a actual cidade de Chaves, que

engrossam o extenso rol de outros aglomerados de análoga titulação um pouco por todo o Império.

Como principal efeito visível destas promoções e, de algum modo, emulando o que se fazia em Roma, os novos municípios desenvolveram programas de obras públicas que enobreceram os respectivos espaços urbanos, dotando-os dos equipamentos adequados à nova dignidade. O processo foi bem identificado em *Conimbriga* onde se documentam notórios melhoramentos nesta época. Mas têm sido igualmente verificadas situações similares em outros aglomerados, como *Mirobriga* (Santiago do Cacém) ou *Seilium* (Tomar). Uma vez mais, não se tratou propriamente de uma “revolução”, mas antes de um incremento do processo de desenho e construção das cidades, segundo o modelo itálico, que se verificava desde o reinado de Augusto, o primeiro imperador.

No âmbito destas promoções cabe citar o caso particular de *Tritium Magallum* (Trício) uma cidade na zona de La Rioja (Espanha) que tinha uma forte vocação oleira. Aqui se produziram cerâmicas finas, usualmente designadas *terra sigillata* (por apresentarem marca nominal impressa do fabricante, o *sigillum*,). Estas cerâmicas finas foram amplamente disseminadas na Península Ibérica e também para destinos longínquos. É justamente na época flávia que estas cerâmicas se tornam omnipresentes nos contextos arqueológicos, competindo directamente com as importações provenientes da Gália do Sul ou do sul da *Hispania*, da área de Granada. A sua rápida e ampla difusão constitui também eloquente exemplo de como estavam bem desenvolvidas as redes de comunicação, tanto as tradicionais flúvio-marítimas, como as terrestres.

Voltando ao território ocidental da Península Ibérica, poderíamos desenhar uma geografia flávia usando como principais referências *Flavia Conimbriga* e *Aquae Flaviae* (Chaves), ambas conservando expressivamente na sua denominação a memória desta dinastia. Mas não deixaríamos também de evocar *Balsa* e *Ossonoba*, no Algarve, que registam cidadãos inscritos na tribo *Quirina*, *Mirobriga* e *Anmaia*, respectivamente, pelo litoral e interior, pelas mes-

mas razões. A norte do Tejo, cabe referir os casos de *Collipo* (S. Sebastião do Freixo), *Aeminium*, sob a actual Coimbra, de onde se conhece um retracto de Vespasiano, e Bobadela, de nome latino desconhecido, talvez correspondente a algum dos municípios da inscrição da ponte de Alcántara, cuja exacta localização se desconhece, onde se identificou um anfiteatro construído em época flaviana, bem como uma cabeça monumental representando o imperador Domiciano. Pela construção de novos equipamentos públicos, como o anfiteatro de Bobadela vemos como estes aglomerados se dotavam dos edifícios próprios da sua nova dignidade, seguindo a moda de então que valorizava os jogos de anfiteatro. Pela presença de representações dos imperadores, sob a forma de estátuas, o poder de Roma manifestava a sua presença e as comunidades prestavam homenagem a quem as promovia. Nestes processos podemos ver outras tantas acções promotoras da integração de gentes e espaços na nova geografia romana.

Não devemos naturalmente esquecer os onze municípios lusitanos que contribuíram para a construção da monumental ponte de Alcántara, sobre o rio Tejo, hoje em território espanhol: *Igaeditani*, localizados sem dúvida no local da actual aldeia de Idanha-a-Velha; *Lancienses Oppidani*, que uma recente proposta associa ao complexo monumental dito de Centum Celas, perto de Belmonte; *Talores* ou *Tapori*, de localização desconhecida, mas provavelmente situável na zona do Fundão; *Interamnienses*, por muito tempo associado à cidade de Viseu, onde se conservam importantes vestígios romanos, mas onde uma recente inscrição ali encontrada veio relançar o debate; *Colarni*, também de desconhecida localização, podendo situar-se entre Cárquere, Resende ou outro lugar próximo; *Lancienses Transcudani*, em lugar desconhecido, mas, pela natureza do nome desta população, passível de ter o seu território algures a ocidente do rio Côa; *Arani*, usualmente apontado como lugar da zona de Marialva, Meda; *Meidubrigenses*, de desconhecida localização, mas presumivelmente na zona de Meda ou Foz Côa; *Arabricenses*, localizáveis algures pela serra da Lapa, mas em lugar desconhecido; *Banienses*,

de precisa localização desconhecida, oscilando as propostas entre o sul ou o norte do rio Douro; e *Paesures*, provavelmente, algures pelo vale do rio Vouga, mas sem lugar concreto identificado. Todo um mundo ainda em parte desconhecido, mas que abrangeria boa parte das regiões interiores do entre Douro e Tejo, as comunidades que directamente beneficiaram da construção dessa obra de arte.

Ainda mais a norte, juntamente com *Aquae Flaviae*, não devemos esquecer *Bracara Augusta*, cidade que terá alcançado também o seu estatuto municipal em época flávia, como se afere pela inscrição na tribo *Quirina* dos seus cidadãos, mas também por outros elementos não menos expressivos.

Em suma, encontramos de norte a sul do actual território português uma extensa e interessante malha de vestígios de época flávia que poderemos ainda hoje visitar. Não são propriamente fundações novas, antes inserindo-se numa continuidade iniciada com a dinastia júlio-cláudia e continuada com a grande prosperidade das épocas subsequentes. Em vinte e sete anos de governação, os flávios não mudaram o panorama do Império, mas potenciaram o seu crescimento e integração, pertencendo assim de pleno direito ao nosso passado comum.

Março de 2017.

Mapa dos Flávios no ocidente da Península Ibérica (localizações aproximadas).







*Corpus da exposição*

A Lusitânia dos Flávios: a propósito de Estácio e das *Silvas*

Flavian Lusitania through Statius and the *Silvae*

La Lusitanie des Flaviens: à propos de Stace et des *Silves*

Tão magnífica é a ilusão que dá grandeza a uma figura pequena!  
Que arte a da mão, quanta perícia a do douto artífice para, ao mesmo tempo,  
forjar o ornamento de uma mesa e nele imaginar gigantescos colossos!

*Silv.* 4.6.43-46



### 1. Pequeno bronze figurativo de Hércules

*Ammaia* (São Salvador de Aramenha, Marvão, Portalegre)

Época romana

6,36 x 2,25 x 1,2 cm, peso 42,28 g.

Fundação Cidade de *Ammaia*, Museu Cidade de *Ammaia*, Inv. (F)Cu.16.Cj.001

Recuperada no contexto de trabalhos arqueológicos realizados em 2016.

Pequeno bronze figurativo de vulto perfeito de figura masculina, juvenil, envolvida numa pele de leão. Um orifício na retaguarda indica que estaria destinada a fixar-se em algum outro objeto ou elemento. A descodificação iconográfica deste pequeno bronze figurativo romano parece clara. Trata-se de uma representação juvenil de Hércules, envolvido na pele do temível leão de Nemeia. Matar o leão de Nemeia, o maior leão do mundo de pele resistente às investidas das armas, constituiu o primeiro dos doze trabalhos de Hércules, como a tradição helenística transmite. Por ser o primeiro trabalho, é natural que o herói seja representado com feições juvenis e o facto de não ostentar qualquer outro atributo sugere que se pretende justamente evocar o momento após a realização do primeiro trabalho.

A iconografia de Herakles / Hércules é muito rica e diversificada, em todos os domínios plásticos, a sua representação em nudez heróica, somente envolvido pela pele do leão, que lhe serviu de couraça ao longo dos tempos é, em si, igualmente variada, tanto na posição, como na idade perceptível no esboço físico e feições. No sítio arqueológico de *Mirobriga*, Santiago do Cacém, foi encontrado um pequeno bronze figurativo que representa Hércules envolto na pele do leão, mas com feição claramente infantil. Não faltam também as representações análogas, com o herói representado com feições plenamente adultas, com espessa barba. No caso vertente, Hércules é um jovem, de abundante cabeleira revolta, cabeça voltada à direita e levemente inclinada para trás, em aparente pose desafiadora. Não conhecemos paralelos para esta representação em concreto.

Tamanha a dignidade da obra e a majestade espartilhada  
por apertados limites!  
*Silv.* 4.6.35-36



## 2. Esboço de escultura de vulto de togado

Herdade da Vigária (Bencatel, Vila Viçosa)

Época romana

2,15 x 0,90 x 0,45 m.

Propriedade de Solubema, SA., Herdade da Vigária, Vila Viçosa.

Na pedreira da Herdade da Vigária, Vila Viçosa, foi encontrado este esboço de escultura de togado – a representação canónica de um cidadão romano, um corpo masculino revestido de toga no qual se poderia encaixar a cabeça/ retrato propriamente dita. Naturalmente, não fazemos ideia de qual seria o destino final da peça, nem das razões pelas quais foi abandonado no local de extracção da matéria-prima. Menos ainda sabemos onde se procederia ao seu acabamento, se no próprio local, se em oficina urbana. O facto de apresentar uma fractura na zona onde ficaria esculpido o pé direito e algum desequilíbrio da peça poderá constituir explicação para a não conclusão da obra.

Esta peça é particularmente interessante por nos elucidar sobre a cadeia operatória que conduzia desde a pedreira à escultura de vulto.

Houve seguramente, em primeiro lugar, o destacar do bloco de mármore. Sobre o bloco destacado, iniciou-se o processo de desbaste e esboço do produto final. Seguir-se-ia seguramente o trabalho de pormenor que conduziria à estátua do togado, de que se conhecem bastantes exemplares disseminados por toda a Lusitânia, em contextos urbanos, em meio rural ou em lugares de Santuário. Em suma, em todos os lugares onde seria suposto estar presente o vulto do cidadão. De entre os vários togados registados no ocidente da Península Ibérica (inteiros ou em fragmentos) este é o único caso conhecido de esboço escultórico.

Os procedimentos realizados no próprio local de extracção da matéria-prima justificam-se fundamentalmente por duas razões: por um lado, permitiriam aliviar o peso do elemento a transportar, uma vez que faz toda a diferença deslocar um paralelepípedo marmóreo de grande dimensão ou um produto já semi-trabalhado de muito menor volume e peso; serviria também para testar a qualidade do mármore para o bom êxito da escultura, minimizando os riscos de não ser adequado aos propósitos do escultor.

Em pedreiras romanas do anticlinal de Estremoz têm sido recolhidos outros elementos escultóricos somente esboçados, desde fustes de colunas e capitéis a blocos para a produção de sarcófagos, em clara demonstração de que se trataria de um procedimento rotineiro, habitual nestes centros de extracção. Para o nosso olhar contemporâneo, constitui um claro exemplo de como na Antiguidade era bem ténue a fronteira entre o trabalho do artesão, que desbasta a pedra bruta, e o do escultor que lhe dava a forma final.

Mañas Romero, 2009, p. 493-495; Fusco; Mañas Romero, 2006, p. 34-36.

Deste mar preferia ter nascido Vénus Citereia!  
*Silv.* 1.5.54-55

A dourada Vénus, vinda do cume do monte Érice,  
conduz os seus delicados cisnes para os bosques da Idália.  
*Silv.* 3.4.21-22



### 3. Estátua de Vénus

Capela da Granjinha (Vale de Anta, Chaves)

Século II d. C.

91,4 x 40,6 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 994.4.8.

Fragmento de estátua feminina que corresponde à perna direita junto a uma jarra alta coberta parcialmente por um longo panejamento, constituindo um bloco escultórico que se ergue num plinto. O panejamento foi parcialmente dobrado sobre a boca da jarra, cai em pregas e termina em franja cobrindo a pança ovóide de um vaso esguio, de colo alto, que assenta sobre pé arredondado. Segundo L. Matos, trata-se da representação de Vénus nua preparando-se para o banho junto ao vaso que conteve a água (*lutrophoros*) e agora serve de suporte ao vestuário (1995, p. 70, nº 29).

Vasconcelos, 1897, p. 304; Matos, 1995, 70, nº 29; Gonçalves, 2007, p. 218 e 63.



#### 4. Estatueta de Vénus

Século II d. C.

*Balsa* (Torre de Ares, Tavira)

9,9 x 7,4 x 4,1 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv.994.48.1.

Fragmento de uma pequena escultura de Vénus de mármore branco. Corresponde à representação do ventre e coxas de uma figura feminina que segura à frente um manto enrolado no pulso esquerdo, que nas costas cobre parcialmente as nádegas e cai lateralmente junto da coxa direita. Segundo L. Gonçalves, esta parece ser uma peça com particular semelhança com o modelo da Afrodite de Siracusa (2007, p. 221).

Matos, p. 82-83. n.º 38; Ribeiro, 2002, p. 434; Gonçalves, p. 221 e 64.

Saúdo-te, grande progenitor do mundo!  
Esses ombros, que os envolva com abundante púrpura  
a toga pretexta tecida pelas mãos da tua Minerva!  
*Silv.* 4.1.17, 21-22

De rosto tranquilo, suavizando o seu brilho com serena imponência,  
assim o pesado Hércules se deleitava ao reclinar-se, de lado,  
sobre a pele de leão estendida.  
*Silv.* 4.2.41-42, 50-51

### 5. Áureo de Vespasiano

Torre de Palma (Vaiamonte, Portalegre)

69 d. C.-70 d. C.

diâmetro 1,8 cm, peso 7,08 g.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 2014.15.2.

Moeda de ouro, cunhada em Roma. Anverso: IMP·CAESAR·VESPASIANVS·AVG; Busto do imperador Vespasiano com coroa de louros, à direita. Reverso: IVDAEA; Cativo judeu sentado, à direita, com as mãos atadas segurando o queixo; atrás do cativo um troféu de armas capturadas.

RIC II p. 16, nº 15.



### 6. Áureo de Tito com representação do templo de Vesta

Borralhaeira (Teixoso, Covilhã)

79 d. C.-81 d. C.

diâmetro 1,94 cm, peso 6,93 g.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. Au 508.

Áureo, cunhado em Roma. Anverso: T·CAES·IMP·VESP·PON·TR·POT; Cabeça laureada de Tito, à direita. Reverso: VES·TA; Templo tetrastilo com *podium*, de quatro degraus e telhado circular. No meio, uma estátua de Vesta com *patera* e ceptro, à esquerda e à direita do templo duas estátuas. Classificado como bem de interesse nacional pelo Decreto n.º 19/2006, de 18/07/2006.

RIC II, nº 557, Carson, 1980, p. 37, nº 481; Heleno, 1953; Tesouros, nº 140.



### 7. Denário de Domiciano com representação de Minerva

*Ammãia* (São Salvador de Aramenha, Marvão, Portalegre)

cronologia desconhecida

diâmetro 1,83 cm, peso 2,38 g.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 2007.54.4.

Denário de Domiciano com um núcleo de liga de cobre forrada de prata. Segundo José Ruivo, as incongruências nas titulações do verso e anverso podem relacionar-se com erro do gravador ou ainda com uma contaminação de cunhos, mas podem igualmente corresponder a uma falsificação, “facto muito comum neste período ao nível da moeda de prata” (Ruivo, 2016, p. 138). Casa da moeda e cronologia indeterminadas. Anverso: IMP·CAES·DOMIT·A[VG·GERM·P]M·TRP·VIII; Cabeça de Domiciano, laureada, à direita. Reverso: IMP·XIII·C[OS]·...; Minerva, com elmo coríntio, de pé, à esquerda, segurando uma lança, a mão esquerda atrás das costas.

RIC II, p. 169, nº 133; Ruivo, 2016, p. 138, 148, nº 7.





### 8. Sestércio de Tito

Proveniência desconhecida

71 d. C.

diâmetro 3,3 cm, peso 19,8 g.

Museu de Sines, Inv. MS1815. Legado de José Miguel da Costa

Sestércio, provavelmente cunhado por Tito em nome de Vespasiano, seu pai.

Combina no anverso a representação da cabeça laureada de Vespasiano, à direita, com a titulação do ano de 71, quando exerceu o seu terceiro consulado – IMP·CAES·VESPASIAN·AVG·PM·TR·PPP·COS III – com o reverso de um sestércio de Tito (RIC II, 110) com uma representação em picado do grande anfiteatro de Roma (usualmente chamado *Coliseu*), com as bancadas cheias de pessoas. À direita é visível um edifício porticado, que se costuma identificar com a *Domus Aurea*, o imponente palácio que Nero mandou edificar. À esquerda, vê-se o desenho cônico da monumental fonte *Meta Sudans*, um equipamento construído na mesma época do grande anfiteatro, sob os Flávios.

RIC II, nº 110.

Aqui o delicado grupo de Forco e Cimódoce com os cabelos a pingar e a Galateia verde-mar desejam banhar-se.  
*Silv.* 2.2.19-20



### 9. Carranca fontenária

Santa Vitória do Ameixial (Estremoz)

Século II d. C.

27,2 x 21,3 x 13,5 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 994.16.1

Carranca fontenária de mármore em forma de máscara humana, representando o rosto de um jovem negróide, de cabelo curto e em carapinha. A testa é cortada por vincadas rugas que dão uma expressão carregada à escultura. Descoberta no contexto da piscina (*natatio*) das termas da *villa* de Santa Vitória do Ameixial, encontrava-se aplicada numa saída de água jorrando água pelos olhos e boca. Como refere L. Gonçalves, "A aplicação de máscaras teatrais do universo dionisiaco, como saídas de água de jardins e termas, foi uma prática comum, por contribuírem para criar uma atmosfera envolvente" (2007, p. 452). Peça classificada como bem de interesse nacional pelo Decreto n.º 19/2006, de 18/07/2006.

Chaves, 1938; Matos, 1995, p. 182-183; Gonçalves, 2007, p. 451-452.

Que culpa, que erro estou eu a pagar com esta enormidade?  
Eis que, enquanto com seus braços moribundos se agarra  
às minhas vísceras e à minha alma, é arrebatada a criança.  
*Silv.* 5.5.7-9



#### 10. Árula funerária

Faro

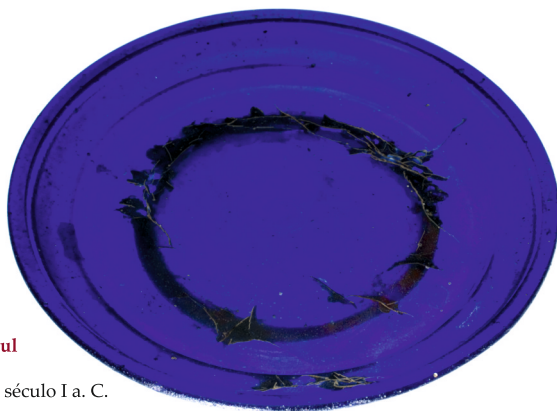
Século III d. C.

28 x 16,1 x 14,2 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. E 6420.

Parte inferior de árula funerária de calcário, trabalhada nas quatro faces. O campo epigráfico, rebaixado e polido, apresenta uma inscrição funerária de que apenas se conservou a parte final do nome do dedicante (o pai) e a idade do defunto, uma criança de três anos, seis meses e doze dias (IRCP, p. 74). Epígrafe recuperada por Estácio da Veiga, ainda no séc. XIX, nas muralhas do castelo de Faro.

Apresenta a seguinte leitura:[...] / VLDI (filius, a) / VI(xit) AN(nis) / III(tribus) M(ensibus) VI (sex) / D(iebus) XII (...) filho (a) de ...uldo, viveu três anos, seis meses e doze dias. CIL II 5159; IRCP 25.



### 11. Prato de vidro azul

Mértola

Primeira metade do século I a. C.

16,3 x 2,3 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv.14039.

Prato de vidro opaco azul ultramarino com bordo de aba curta e parede em dois lanços, do tipo Trier 7. O vidro, que foi moldado ao torno por pressão, encontra-se picado e irisado.

Alarcão 1971, p. 193.



### 12. Unguentário de vidro em forma de anforeta

Balsa (Torre d'Ares, Tavira)

Séculos I d. C.-II d. C.

12,7 x 4 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 14745.

Unguentário de vidro em forma de anforeta (tipo Isings 60).

Corpo opaco de cor azul celeste, com duas asas translúcidas de cor verde gelo. Vidro soprado.

Alarcão, 1970, p. 239, nº 1; Nolen, 1994, 192.

### 13. Pote de cerâmica comum

Balsa (Torre d'Ares, Tavira)

Séculos I d. C.-II d. C.

8,87 x 9,98 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 14536.

Pequeno pote de cerâmica comum de fabrico local/regional, apresentando sedimentos no interior. O bordo é virado para fora, o corpo ovóide e o fundo plano.

Nolen, 1994, p. 153; Pereira, 2014, est. 111.6.





**14. Lucerna com tema báquico**

Tróia (Grândola)

2.ª metade do século II d. C.- meados do século III d. C.

7,9 x 3,5 x 11,3 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 983.547.3.

Lucerna de bico redondo com orifício largo, do tipo Dressel/Lamboglia 27, com decoração moldada. O disco é decorado na zona central com duas panteras esticando o pescoço para beber de um *kantharos* de vinho, dentro de moldura simples e orla de estrias radiais. A composição apresenta um tema típico da iconografia de Dionísus/Baco.

Costa, 1973, p. 165, est. XLVII.



**15. Taça de vidro**

Balsa (Torre d'Ares, Tavira)

Século I d. C.

12 x 6,3 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 14708.

Taça de vidro branco opaco, do tipo Isings 2, reprodução da forma de *terra sigillata* Dragendorff 27. Bordo voltado para o exterior, parede em dois lanços semi-circulares e pé anelar.

Alarcão, 1970, p. 239; Nolen, 1994, p. 188; Pereira, 2014, est. 124.1.

A chama consumiu as odoríferas colheitas de mirra e incenso da Sabeia  
e o açafraão dos Cílices, canela roubada à ave egípcia Fénix,  
e sucos que emanam do arbusto assírio,  
e as lágrimas do teu senhor.  
*Silv.* 2.6.86-89



**16. Unguentário de vidro**

*Balsa* (Torre d'Ares, Tavira)

Finais do século I d. C.-1ª metade do século II d. C.

14 x 7,65 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 14113

Unguentário de vidro de cor verde sombra de tipo Isings 82 A1. Bordo dobrado para o exterior, gargalo alto e cilíndrico e reservatório bulbiforme.

Nolen, 1994, p. 193, vi-73 a; Pereira, 2014, est. 126.6.



**17. Tigela de terra sigillata sudgálica**

Balsa (Torre d'Ares, Tavira)  
Época de Vespasiano - Trajano  
11,8 x 9 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 999.102.15.

Fragmentos de uma tigela de terra sigillata sudgálica da forma Drag. 37. Após linha de óvulos e linguetas trifidas, decoração em "estilo livre" formada por animais (uma serpente e uma águia, um leão e um javali) e elementos vegetais (Nolen, 1994, p. 80, est. 14). Os motivos são idênticos aos do repertório dos oleiros que trabalharam durante o período de Vespasiano - Trajano no sul da Gália (actual França) (Hermet, 1934, nº 3 est. 89, p. 143).

Hermet, 1934, nº 3 est. 89, p. 143; Nolen, 1994, p. 80, est. 14; Viegas 2011, p. 304, nº 596.



**18. Taça de terra sigillata hispânica**

Balsa (Torre d'Ares, Tavira)  
69 d. C.-96 d. C.  
13,2 x 6,4 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 14656.

Taça de terra sigillata hispânica do tipo Drag. 29 produzida no Vale do Ebro (*Tritium Magallum*). A decoração moldada organiza-se em duas bandas, separadas pela carena: a superior é dividida em métopas com motivos vegetais, veados e pássaros; a inferior é composta por palmetas e círculos concêntricos rodeando rosetas.

Comfort, 1959; Nolen, 1994, p. 94, sh-1; Pereira, 2014, est.116.13.

**19. Taça de cerâmica de paredes finas**

*Balsa* (Torre d'Ares, Tavira)

Século I d. C.

11 x 5,7 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 999.102.16.

Taça de cerâmica de paredes finas de tipo Mayet 37, de fabrico bético. No corpo apresenta uma decoração a barbotina constituída por uma banda de folhas de água entre duas fiadas de pérolas.

Nolen, 1994, p. 61, pf-16; Pereira, 2014, est. 119.2.



**20. Taça de cerâmica de paredes finas**

*Balsa* (Torre d'Ares, Tavira)

Século I d. C.

8,2 x 8,8 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 14596.

Taça de cerâmica de paredes finas da forma Mayet 42 A, originária da Bética. Bordo de aba, corpo ovóide com decoração de escamas de barbotina.

Nolen, 1994, p. 61, pf-22; Pereira, 2016, p. 293, nº 160.



Profundamente abatidos, o povo e os senadores  
deploraram a tua morte como se tivesses caído  
qual famoso gladiador na arena funesta.  
*Silv.* 2.5.25-27



**21. Lucerna com cena de gladiadores**

Azinhaga do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)

Meados a finais do século I d. C.

2,5 x 6,2 x 8,7 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 13850.

Lucerna de volutas duplas, tipo Dressel/Lamboglia 11 B. Disco com decoração moldada representando uma cena de luta entre dois gladiadores. Orla lisa, separada do disco por moldura. No fundo ostenta a marca de oleiro GABMERC.

Almeida, 1953; Pereira, 2013, fig. 12.2.

Ísis, aprenda o distinto jovem, sob a tua protecção,  
de onde vem a fértil liberdade do pantanoso Nilo,  
porque é que os animais comuns igualam grandes deuses,  
que altares para si prepara a longeva fénix.

*Silv.* 3.2.101, 107-114



#### 22.1-4. Estatuetas funerárias – Chauabti (4)

Deir el-Bahari, Egito.

Terceiro Período Intermediário, XXI dinastia, século X a. C.

10 x 4,2 cm, base 2,2 x 2,3 cm; 10,4 x 4 cm, base: 2,3 x 2,5 cm; 9,8 x 4,2 cm; 10,1 x 2,9 cm, base 1,8 x 2,2 cm.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. E 457, n.º inventário anterior EGI 93; Inv. E 461, n.º inventário anterior EGI 146; Inv. E 462; Inv. E 467, n.º inventário anterior EGI 147.

Estatuetas funerárias antropomórficas e mumiformes, de faiança azul modelada, cujos volumes são sumariamente definidos. As mãos estão cruzadas sobre o peito. Os detalhes são sublinhados a negro: os que caracterizam o corpo – cabelos, fita no cabelo atada atrás, olhos, sobrancelhas – e os instrumentos de trabalho agrícola – alviões e cesto de rede, este desenhado nas costas. As inscrições hieroglíficas, frontais, ao centro da figura e na vertical, traduzem-se do seguinte modo: "Osíris Nesipaheran" (E 457); "Osíris, sacerdote ueb (...), Paiefadjer, justificado" (E 462); "Que brilhe a Osíris Makakré, justificada" (E 467), correspondendo aos nomes da divindade, assim como dos defuntos e proprietários das estatuetas e à identificação dos seus títulos ou cargos. Fabrico da região tebana (Araújo, 2003).

O Terceiro Período Intermediário, e especialmente a XXI dinastia, caracteriza-se pela produção massiva de objectos funerários, como estas estatuetas, também conhecidas por *chauabti*, designação que se julga derivar da madeira de que originalmente seriam feitas. As estatuetas, colocadas no túmulo em grande quantidade juntamente com o morto, destinavam-se a substituir o defunto no trabalho dos campos (Araújo, 2003).

Araújo, 1993; Araújo, 2003, p. 732, n.º 32, 733, n.º 33, 723, n.º 23, 724, n.º 24.

Aqui estão mármore extraídos das profundezas das pedreiras gregas: o que a veia da oriental Siene borripa, o que os machados frígios escavam na desolada Sínade pelos campos da chorosa Cíbele, onde na pedra pintada a superfície branca é delimitada por círculos de cor púrpura...  
*Silv.* 2.2.85-89



**23 e 24. Placas decorativas representando um capitel de pilastra**

Milreu (Estói, Faro) e Algarve

Século II d. C.

32,2 x 34,5 x 5,5 cm; 33,7 x 31 x 3,2 cm, respectivamente.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 994.18.2 e Inv. 994.6.7.

Placas decorativas representando um capitel de pilastra corintio. Compreendem duas séries de folhas de acanto na base, salientes e recurvadas nas pontas. O ábaco apresenta uma folha de acanto em que a parte superior foi cerceada, ladeada por uma decoração de cordão inciso num caso, e no outro exemplar emerge uma pequena máscara teatral de traços vincados, boca aberta, órbitas vazias e cabelo tufado emoldurando a face.

Matos, 1995, p. 188, 189; Alarcão, 1997, p. 91.



**25 e 26. Guarnição parietal**

Santa Vitória do Ameixial (Estremoz)

Época romana

22,5 x 142,7 X 9,2 cm ; 113,5 x 19,6 x 4 cm, respectivamente.

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 994.16.22 e Inv. 994.16.3.

Fragmentos de guarnição parietal de mármore, ainda com vestígios de pigmento vermelho, interpretados também como pilastras, de forma rectangular. Peças com molduras laterais retangulares que enquadram, num dos casos (Inv. 994.16.22) um botão estilizado, saído de uma argola, ornado internamente por linhas de semicírculos concêntricos incisos. Colunelo sulcado transversalmente por traços curvos. Apresenta cordão torço (Matos, 1995, p. 192-193, nº 122). O outro exemplar ostenta uma flor estilizada com trifoliação dupla aponta para zona superior com vergôntea losangular. O colunelo estilizado apresenta relevo de quatro colunas internas de igual espessura, que arranca sob a flor. Apresenta cordão torço horizontal de pontas pendentes verticalmente, ladeando o espaço lateral entre o caule e a moldura (Matos, 1995, p. 192-193, nº 122; Inv. 994.16.3)

Elementos decorativos da *villa* de Santa Vitória do Ameixial pertencentes a um conjunto de vinte e um fragmentos de placas rectangulares de revestimento arquitectónico, dezassete das quais com relevo de colunelos e quatro outras com decorações geométricas no interior de molduras. Estas peças foram classificadas como bem de interesse nacional pelo Decreto n.º 19/2006, de 18/07/2006.

Chaves, 1938; Matos, 1995, p.192-193, nº 122.



### 27. Painel de Mercúrio e Hércules do Mosaico das Musas

Torre de Palma (Vaiamonte, Monforte)

Fim século III - início do século IV d. C.

Tesselas de calcário, mármore e vidro policromos.

Quadro: 1,05 x 1,02 m ; moldura com 17 cm de largura

Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 999.149.1.

O painel de Mercúrio e Hércules faz parte de um mosaico rectangular composto por 11 painéis figurativos conhecidos, no seu conjunto, como Mosaico das Musas. Os painéis representam Teseu e o Minotauro, o Triunfo de Baco, Mégara e Hércules, Medeia Infanticida, Hércules e Mercúrio, Apolo e Dafne, Dois Membros do Tiaso, Duas Ménades, Sileno e Sátiro, Cena Báquica, e as Musas. Apresenta uma inscrição.

Este mosaico decorava o pavimento da sala de jantar (*triclinium*) da casa principal da *villa* de Torre de Palma.

O painel de Mercúrio e Hércules inscreve-se num medalhão com moldura geométrica policroma, de tipo "decoração múltipla", de motivos irregulares, que não formam uma verdadeira quadrícula (Lancha, 2000, p. 170).

Hércules, à esquerda, em desequilíbrio sob efeito da embriaguês, faz um movimento com a mão direita para evitar cair, sentando-se sobre um rochedo visto de frente. As feições do rosto, quadrangular, com barba, são definidas por uma linha de ocre-vermelho, sublinhada a branco no nariz, sendo negra a pupila dos olhos. Na cabeça ostenta uma coroa, semelhante à de Apolo. "A pele do leão de Nemeia cinge-lhe os rins, escondendo-lhe a perna e o pé direitos, deixando a descoberto a perna oposta, esticada, e enrola-se à volta do braço esquerdo" (...). Em segundo plano, parcialmente oculto por Hércules, está o jovem Mercúrio, de pé, de quem só se vê o torso. A cabeça está coberta por um chapéu (pétaso), segura um cajado (*pedum*) na mão esquerda e olha para o herói, cuja queda tenta impedir (Lancha, 2000, p. 171). "O concurso de bebida entre Baco e Hércules é um tema clássico, sendo aqui apenas representada a derrota de Hércules, com a cena reduzida a duas personagens", o que poderá ter ficado a dever-se a questões de espaço relacionadas com a composição em quadrícula. "Mercúrio, identificado como tal pelo seu penteado, não é a personagem que habitualmente segura Hércules ébrio" (Lancha, 2000, p. 193). Mosaico tardio de uma oficina itinerante africana (possivelmente da Tunísia) que executou um programa iconográfico complexo encomendado por um abastado proprietário rural, muito possivelmente "um aristocrata preocupado em tornar visível o seu papel social e político" (Lancha e Alarcão, 2000, p. 306). Classificado como bem de interesse nacional pelo Decreto n.º 19/2006, de 18/07/2006.

Helena, 1962; Lancha e André, 2000, p. 157-213, nº 2B, painel VII.



## Bibliografia

A Lusitânia dos Flávios: a propósito de Estácio e das *Silvas*  
Flavian Lusitania through Statius and the *Silvae*  
La Lusitanie des Flaviens: à propos de Stace et des *Silves*

ALARCÃO, A., coord. (1997) – *Portugal Romano: A Exploração dos recursos naturais*. Lisboa: MNA. Catálogo da exposição.

ALARCÃO, J. (1971) - Vidros romanos de Aramenha e Mértola. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3, 5, p. 191-200.

ALMEIDA, J. A. F. (1953) - Introdução ao Estudo das Lucernas Romanas em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. s., 2, p. 5-208.

ARAÚJO, L. M. (1993) - *Antiguidades Egípcias*. Lisboa: MNA. Vol. 1.

ARAÚJO, L. M. (2003) - *Estatuetas Funerárias Egípcias da XXI dinastia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CARSON, R. A. G. (1980) - *Principal Coins of the Romans. The Principate – 31 BC – AD 296*. London: Balding and Mansell. Vol. 2.

CARVALHAIS, J. A. (1911) - Aquisições do Museu Etnológico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 16. p. 103-125.

CHAVES, L. (1938) - Estudos Lusitano-romanos. 1. A *villa* de Santa Vitória do Ameixial (Concelho de Estremoz). Escavações em 1915-1916. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 30, p. 14-177.

CIL II=HÜBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berlim. Vol. 2.

COSTA, M. E. F. (1973) - *Lucernas Romanas de Tróia de Setúbal*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura em História.

COMFORT, H. (1959) - Some Roman pottery in the Museu Etnológico, Belém. *Conimbriga*. Coimbra. 1, p. 1-12.

FUSCO, A.; MAÑAS ROMERO, I. (2006) - *Mármoles de Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano; Caja San Fernando.

GONÇALVES, L. J. R. (2007) - *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*. Mérida: Junta de Extremadura. (Studia Lusitania 2).

HELENO, M. (1953) - O Tesouro da Borrallheira (Teixoso). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. s. 2, p. 213-234.

HELENO, M. (1962) - A "Villa" Lusitano-Romana de Torre de Palma (Monforte). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. p. 313-338.

HERMET, F. (1934) - *La Graufesenque (Condatomago)*. I. Vases sigillés. II. Graffites. Paris: E. Leroux.

ISINGS, C. (1957) - Roman Glass from dated Finds. *Archeologica Traiectina*. Groningen. 17, 2.

IRCP=ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do Conventus Pacensis: Subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.

LANCHA, J. ; ANDRÉ, P. (2000) - *Torre de Palma. Corpus dos mosaicos romanos de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Museus e Missão Luso-Francesa.

MAÑAS ROMERO, I. (2009) - Canteras de Lusitania. Un análisis arqueológico. In NOGALES BASARRATE, T. ; BELTRÁN FORTES, J. eds. - *Marmora Hispana: explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*. Roma: L'Erma di Bretschneider.

MATOS, José Luís de (1995) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Coleção de Escultura Romana*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

NOLEN, J. U. S. (1994) — *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares - Balsa*. [S.l.]: Instituto Português de Museu e Secretaria de Estado da Cultura.

PEREIRA, C. (2013) - Lucernas Romanas de Alcácer do Sal. *Almadan*. S. 2, 17, T. 2. p. 13-28.

PEREIRA, C. (2014) - *As Necrópoles Romanas do Algarve: Acerca dos Espaços da Morte no Extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de doutoramento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/11460>.

RIBEIRO, J. C., coord. (2002) . *Religiões da Lusitânia, Loquuntur saxa*. Lisboa: IPM. Catálogo da exposição.

RIC II=MATTINGLY, H. ; SYDENHAM, E. A. (1981) - *The Roman Imperial Coinage. Vespasian to Hadrian*. Vol. 2.

RUIVO, J. (2016) - Moedas dos mortos, dinheiro dos vivos. In QUARESMA, José Carlos, coord. - *Ad Aeternitatem. Os espólios funerários de Ammaia a partir da coleção Maçãs do Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Marvão: Fundação Cidade de Ammaia. p. 143-167. Catálogo da exposição.

SCHNEIDER, H. (1977) - *Shabtis*. II. Leiden.

*TESOUROS da Arqueologia Portuguesa* (1980). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Catálogo da exposição.

VASCONCELOS, J. L. (1897) - Acquisições do Museu Ethnographico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3., p. 218-222.

VASCONCELOS, J. L. (1900) - Antiguidades do Sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 5. p. 330-334.

VIEGAS, C. (2011) - *A ocupação romana do Algarve – estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: UNIARQ (Série Estudos e Memórias 3)

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/9775>

Edição das *Silvas*

COURTNEY, E. (2008) - *P. Papini Stati Silvae*. Oxford: Claredon Press.



WORKSHOP  
EDITING AND COMMENTING ON THE *SILVAE*

Centre of Classical Studies, School of Arts and Humanities, University of Lisbon  
16-17 March 2017

PROGRAMME

## THURSDAY, 16 MARCH

10.00 WELCOMING SESSION

Paulo Alberto (Dean)

Cristina Pimentel (Director of the Centre of Classical Studies)

**Paolo Fedeli** (Università degli Studi di Bari 'Aldo Moro')

Il difficile mestiere del commentatore

11.00 COFFEE BREAK

11.30 **Bruce Gibson** (University of Liverpool)

The Role of Translation in Commentary on Statius' *Silvae*

**Gabriel Laguna** (Universidad de Córdoba)

Commenting on Statius: the view of Juvenal

13.00 LUNCH

15.00 **Antonino Pittà** (Scuola Normale Superiore di Pisa)

Dal peso del potere alle uova fresche: congetture da un nuovo commento alle *Silvae*

**Alessia Bonadeo** (Università degli Studi di Pavia)

Luce, lusso e poesia nelle *Silvae* di Stazio

16.30 COFFEE BREAK

17.00 **Ana Lóio** (Universidade de Lisboa)

Intertextual friendships: Reading Statius, *Silv.* 4.4 through Propertius 2.1

**Luke Roman** (Memorial University of Newfoundland)

Poliziano's (commentary on the) *Silvae*: between emulation and exegesis

**FRIDAY, 17 MARCH**

- 10.00 **Carole Newlands** (University of Colorado)  
Errant Poetics: Rethinking *Silvae* 2.2.83-5
- 10.45 COFFEE BREAK
- 11.15 **Federica Bessone** (Università degli Studi di Torino)  
La capanna e il tempio. Eziologia privata e modelli augustei in  
*Silvae* 3, 1
- Antony Augoustakis** (University of Illinois at Urbana-Champaign)  
Death and ritual in the *Silvae*
- 12.45 LUNCH
- 15.30 NATIONAL MUSEUM OF ARCHAEOLOGY  
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
- Gianpiero Rosati** (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Una diserzione autorizzata. Il modello ovidiano nella *silva* 1.2
- Kathleen Coleman** (Harvard University)  
Commenting on the *Silvae*: the visual dimension
- 18.00 Opening of the exhibition  
**Flavian Lusitania through Statius and the *Silvae***  
**(A Lusitânia dos Flávios: a propósito de Estácio e das *Silvas*)**
- 20.00 DINNER (BELÉM)



## Ficha Técnica

A Lusitânia dos Flávios: a propósito de Estácio e das *Silvas*

Flavian Lusitania through Statius and the *Silvae*

La Lusitanie des Flaviens: à propos de Stace et des *Silves*

#### Organização da exposição / Edição do catálogo

Museu Nacional de Arqueologia, Direcção-Geral do Património Cultural  
Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
UNIARQ – Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

#### Comissão Científica

António Carvalho  
Carlos Fabião  
Catarina Viegas  
Ana Lóio

#### Comissão Executiva - MNA

Maria Amélia Fernandes  
Luísa Guerreiro  
Carla Barroso  
Luís Antunes  
Paulo Alves

#### Fotografia / Imagem

Luísa Oliveira (DGPC/ADF)  
José Paulo Ruas (DGPC/MNA)  
José Pessoa (DGPC/ADF)  
Júlia Redondo (DGPC/ADF)  
Paulo Alves (DGCP/MNA)  
Sofia Costa (CMS/MS)  
Fundação Cidade de AMMAIA

#### Projecto Museográfico

Ricardo Pereira (CMS/MS)

#### Concepção Gráfica

Paulo Pereira

#### Produção e Montagem

Ilusões da História

#### Colaboração

Fundação Cidade de AMMAIA  
Solubema  
Câmara Municipal de Sines/Museu de Sines

#### Mecenas Institucional

Lusitania Seguros

#### Apoio

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Fundação MILLENNIUM BCP  
APCTA  
SINCTA

**Impressão** Europress - Indústria Gráfica

**Tiragem** 500 exemplares

**Dep. legal** 423100/17

**ISBN** 978-972-776-492-2 (DGPC)  
978-972-9376-41-2 (CEC)

Organização



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

PATRIMÓNIO  
CULTURAL  
Direção-Geral do Património Cultural



MUSEU  
NACIONAL DE  
ARQUEOLOGIA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



FACULDADE DE  
LETRAS

CEQ

Centro de Estudos  
de História  
Antiga e  
Medieval



uniarq

Colaboração



Fundação  
Ammaia

Sines

MUSEU  
SINES

SOLUBEMA  
MUSEU LOCAL DE  
SOLUBENSA  
www.solubema.pt

ETMA  
CENTRO DE ESTUDOS  
E TERAPEUTICA  
MUSICA  
www.etma.pt

Mecenas institucional

LUSITANIA  
SEGUROS

Apoio

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

FUNDACÃO  
Millennium  
bcp



Fotografia da capa:

Estatueta de Hércules | Ammaia (São Salvador de Aramenha, Marvão) | Época romana | Museu Cidade de Ammaia